

USO DE MEDICAMENTOS ANTIDEPRESSIVOS POR PROFESSORES DE ESCOLAS DE DIFERENTES REDES DE ENSINO EM UM MUNICÍPIO DO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

The use of antidepressants by school teachers from different educational networks in a municipality in the north of Rio Grande do Sul state

SEGAT, E.
DIEFENTHAELER, H. S.

Recebimento: 01/02/2013 – Aceite: 09/04/2013

RESUMO: Os professores têm sido apontados como uma das categorias profissionais mais propensas ao estresse. Sendo que, o excesso de trabalho, salário baixo, pressão da direção, violência, bombardeio de informações e, principalmente, a falta de reconhecimento de sua atividade são algumas das causas. O objetivo dessa pesquisa foi avaliar a prevalência do uso de medicamentos antidepressivos por professores de diferentes redes de ensino do município de Erechim/RS. Realizou-se um estudo transversal e a população estudada consistiu de professores da rede estadual, municipal e privada de ensino fundamental e médio. A coleta dos dados foi através de questionários. A amostra foi composta por 106 professores. Destes, a maioria, 92 (86,8%), era do sexo feminino. O uso de medicamentos antidepressivos foi relatado por 37 (34,9%) dos entrevistados e classe dos Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina (ISRS) é utilizada por 75,68%. Estes resultados mostram que a prevalência do uso dos antidepressivos entre os professores é consideravelmente alta. Devido poucos estudos na literatura, é necessário a realização de mais pesquisas para identificar o uso destes medicamentos por estes profissionais.

Palavras-chave: Antidepressivos. Professores. Depressão.

ABSTRACT: School teachers have been pointed as one of the professional categories which are more likely to get stressed. Some of the causes are overwork, low wages, pressure from superiors, violence, loads of information, and especially lack of recognition of their job. The aim of this study was to evaluate

the prevalence of antidepressant use by teachers from different educational systems in the city of Erechim /RS. A cross-sectional study was conducted and the subjects were consisted of State, Municipal and Private Elementary and High School teachers. The collection of data was through questionnaires. The sample consisted of 106 teachers. Most of them 92 (86,8%) were female. The use of antidepressants was reported by 37 (34,9%) of the respondents. Selective Serotonin Reuptake Inhibitors Serotonin (SSRI) is taken by 75,68%. These results show that the prevalence of the use of antidepressants among teachers is pretty high. As there are few studies about this theme, it is necessary to conduct further research to identify the use of these drugs by these professionals.

Keywords: Antidepressants. Teachers. Depression.

Introdução

O **magistério** é uma função antiga e os problemas decorrentes dela acompanham desde os primórdios. Alguns estudos brasileiros demonstram uma relação importante entre a saúde dos professores e suas condições de vida e de trabalho (VEDOVATO; MONTEIRO, 2008).

O dia a dia dos profissionais de educação, principalmente de quem trabalha como professor é marcado por uma excessiva carga de trabalho, que necessita esforço, dedicação, velocidade na realização das funções e grande pressão externa. A consequência de tudo isso é o prejuízo à saúde física e mental dos professores, transformando o trabalho, que deveria gerar prazer, em sofrimento (FERREIRA, 2011).

Os professores têm sido apontados como uma das categorias profissionais mais propensas ao estresse. Sendo que o excesso de trabalho, salário baixo, pressão da direção, violência, demandas de pais de alunos, bombardeio de informações, desgaste físico e, principalmente, a falta de reconhecimento de sua atividade são algumas das causas de estresse, ansiedade e depressão que vem acometendo os professores brasileiros (CURI, 2008).

Segundo Curi (2008), quase 50% dos professores brasileiros apresentam sintomas de estresse ou depressão. Os professores mais jovens são os que têm mais dificuldade para lidar com os problemas da profissão, sendo que, muitos optam por abandonar o ofício.

A depressão é uma doença que se apresenta como um importante problema de saúde pública e de relevância crescente nas últimas décadas, interferindo de modo decisivo e intenso na vida pessoal, profissional, social e econômica de seus portadores. É um distúrbio desabilitante que reduz a produtividade profissional dos pacientes em 10% ao longo da vida (COUTINHO; NETO FILHO, 2010). Vários estudos apontam para elevados níveis de stress laboral em professores com repercussão na saúde mental.

Estudo realizado na Bahia relatou que as queixas mais comuns dos professores estavam relacionadas com o uso da voz, a postura corporal e problemas psicossomáticos e de saúde mental (DELCOR et al., 2004)

Strieder (2009) descreveu em uma pesquisa realizada com educadores das redes estaduais e municipais de Santa Catarina que a baixa autoestima, aliada ao sentimento de pessimismo, sensação de fracasso, sensação de culpa e de autodepreciação, torna temerosa às possibilidades de sucesso educacional. Estes sentimentos conduzem a atitudes de

indecisão, irritabilidade, as quais prejudicam o processo educacional. O pessimismo e a sensação de fracasso implicam na falta de satisfação pelas atividades realizadas.

Pesquisa realizada sobre a saúde mental dos professores de primeiro e segundo graus em todos os estados do Brasil, abrangendo 1.440 escolas e 30 mil professores, revelou que 26% dos estudados apresentavam exaustão emocional. Essa proporção variou de 17% em Minas Gerais e Ceará a 39% no Rio Grande do Sul. De acordo com os autores, a desvalorização profissional, baixa autoestima e ausência de resultados percebidos no trabalho desenvolvido foram fatores importantes para o quadro encontrado (CODO, 1999).

A sobrecarga dos fatores estressantes sobre profissões que requerem condições de trabalho específicas, com grau elevado de relação com o público, como a do professor, tem sido estudada em outros países sob a denominação de Síndrome de *Burnout* que, no Brasil, recebeu a denominação de Síndrome do Esgotamento Profissional (BRASIL, 2001).

Burnout seria uma Síndrome de exaustão emocional e de atitudes cínicas e negativas dos profissionais em relação aos sentimentos dos indivíduos para os quais dirigem o seu trabalho, visto que os seus recursos emocionais estão esgotados. As consequências da Síndrome de *Burnout* são muito sérias para os vários setores relacionados à educação: professor, aluno e escola (REIS, *et al.* 2005).

O paciente com *Burnout* pode apresentar quadros depressivos, irritabilidade, ansiedade, inflexibilidade, perda do interesse, sintomas físicos como: exaustão (esgotamento físico temporário), fadiga, dores de cabeça, dores generalizadas, transtornos no aparelho digestório, alteração do sono, disfunções sexuais, entre outros sintomas comportamentais (JBEILI, 2008).

O tratamento da síndrome é essencialmente psicoterapêutico, ou seja, por mediação temporária de psicólogo ou psicanalista. Quanto ao uso de medicamentos, este pode variar de analgésicos e complementos minerais até ansiolíticos e antidepressivos, dependendo de cada caso (JBEILI, 2008).

A atuação profissional do professor passa por um processo de formação pedagógica, requer conhecimento específico, saber lidar com vários tipos de comportamento, dirigindo alunos no processo do saber, tornando-os desenvolvidos do ponto de vista pessoal e intelectual, aspecto importante no desenvolvimento das futuras gerações. Por esse motivo, muitas vezes requer dedicação exclusiva, acarretando cansaço, ansiedade, estresse ao seu cotidiano laboral. Para diminuir essa sensação, alguns profissionais acabam recorrendo a terapias com grupos farmacológicos que parecem atuar de maneira eficaz, no sentido de devolver a sensação de bem-estar (SOUZA; NETO FILHO, 2010).

Os antidepressivos estimulam o tônus psíquico, melhoram o humor e, conseqüentemente, a psicomotricidade de maneira global. Os antidepressivos atuam sobre a depressão, que, de um modo geral, caracteriza-se pelo humor deprimido, perda do interesse ou prazer em concretizar atividades, o aparecimento de choro fácil e falta de concentração. Acredita-se que o uso de antidepressivos possibilita o aumento de disponibilidade de neurotransmissores no Sistema Nervoso Central (SNC), como a serotonina, noradrenalina e dopamina. Esses medicamentos podem originar efeitos colaterais no organismo, como dificuldade visual, boca seca e constipação intestinal; este último sintoma presente em quase 100% dos pacientes. Ainda pode induzir ao aumento da frequência cardíaca, hipotensão postural, alteração do nível de prolactina, retenção urinária, principalmente em homens, sedação inicial, sonolência e tremores (KATZUNG, 2000).

Existem vários tratamentos que têm sido usados em pacientes com distúrbios psíquico: a psicoterapia, a fototerapia, eletroconvulsoterapia e terapia medicamentosa com antidepressivos (MAGGIONI *et al.*, 2008). O tratamento farmacológico da depressão consiste na administração de medicamentos pertencentes às seguintes classes: antidepressivos tricíclicos (ADTs) que atuam através da inibição da recaptção de noradrenalina e serotonina pelas terminações nervosas monoaminérgicas; inibidores seletivos da recaptção da serotonina (ISRSs), os quais bloqueiam seletivamente a bomba de recaptção de serotonina; os inibidores seletivos da recaptção da serotonina e noradrenalina (ISRSNs); inibidores da monoaminoxidase (IMAOs) os quais inibem uma ou ambas as formas da monoaminoxidase (MAO-A, MAO-B), aumentando, assim, as reservas de noradrenalina, dopamina e serotonina nas terminações nervosas e os antidepressivos atípicos que atuam através de diversos mecanismos, porém não exatos, mas sabe-se que bloqueiam a captação de noradrenalina e/ou serotonina (RANG; DALE; RITTER, 2001).

É importante salientar que nenhum medicamento antidepressivo cria hábito ou dependência. Todos possuem um período de latência que pode ser de duas a três semanas para fazer efeito. Após cerca de seis semanas de tratamento, mais da metade das pessoas têm melhora expressiva, porém continuam o tratamento por mais seis meses no mínimo, para prevenir recaídas. Há pessoas que continuam o tratamento por anos e eventualmente, pelo resto da vida (MORENO; MORENO; SOARES, 1999).

A preferência por um fármaco ou outro na verdade é norteadada por uma série de informações sobre o paciente e o quadro que apresenta, além da própria experiência do médico levando em conta, sobretudo, a aceitação pelo paciente, a tolerância e o custo (GREVET; CORDIOLI; FLECK, 2005). Os diferentes

antidepressivos têm eficácia semelhante para a maioria dos pacientes deprimidos, variando em relação ao seu perfil de efeitos colaterais e potencial de interação com outros medicamentos (FLECK *et al.*, 2003).

Considerando que a depressão tornou-se um importante problema de saúde pública e que profissionais da educação apresentam tendência ao desenvolvimento desta doença, o objetivo dessa pesquisa foi avaliar a prevalência do uso de medicamentos antidepressivos por professores de diferentes redes de ensino do município de Erechim/RS.

Materiais e Métodos

A pesquisa seguiu um modelo de estudo Transversal e a população estudada consistiu de professores da rede estadual, municipal e privada de ensino fundamental e médio que trabalham no perímetro urbano do município de Erechim-RS, no período de março de 2012. Foram incluídos neste estudo, professores, de ambos os sexos e que após explicação dos objetivos do estudo, aceitaram participar, mediante a leitura do termo de consentimento para questionário anônimo.

A coleta dos dados foi realizada pela própria pesquisadora do estudo. Foram convidados os professores que trabalham do 1º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio que estão inseridos na rede estadual, municipal e privada do perímetro urbano de Erechim – RS. A coleta dos dados foi realizada em duas escolas de cada rede de ensino, porém, somente uma escola da rede privada aceitou participar da pesquisa, totalizando 5 escolas. Salienta-se que as escolas da rede municipal da cidade de Erechim/RS apenas possuem ensino fundamental, portanto não avaliamos professores do ensino médio nesta rede de ensino.

O contato com os professores para a coleta dos dados foi realizado em cada escola, na

sala dos professores, em horários de intervalo (recreio) das atividades com os alunos. Foi aplicado um questionário contendo as variáveis de interesse (idade, sexo, tempo de trabalho, utilização de medicamento antidepressivo, tempo de uso do mesmo, entre outras), as quais serviram para indicar as condições sociodemográficas e psicossociais dos participantes da pesquisa.

A análise estatística foi realizada utilizando o módulo *Analyze* do SPSS (*Statistical Package of the Science Social*) v. 16.0 for Windows. Foram utilizadas medidas descritivas, com frequências relativas, médias, e desvio padrão, cálculo do chi-quadrado e valor de P. As diferenças com valor de $p < 0,05$ foram consideradas significativas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Erechim, sob número 152/TCH/11.

Resultados

A amostra foi composta por 106 professores em pleno exercício que trabalham nas diferentes redes de ensino do perímetro urbano do município de Erechim/RS e que aceitaram participar deste estudo. Destes, a maioria, 92 (86,8%), era do sexo feminino. A idade variou entre 21 e 69 anos, sendo a média de 42 anos (DP \pm 12,95).

A Tabela 1 mostra a distribuição da frequência de idade dos participantes do estudo.

Tabela 1 - Frequência dos participantes agrupados por faixa etária.

| Classificação | Frequência (%) |
|------------------|----------------|
| 21 – 35 anos | 27 (25,5) |
| 36 – 45 anos | 31 (29,24) |
| 46 – 65 anos | 43 (40,56) |
| Acima de 66 anos | 1 (0,94) |
| Não responderam | 4 (3,8) |
| TOTAL | 106 (100) |

Na Tabela 2, mostra as redes de ensino em que os professores trabalham e uso de medicamentos antidepressivos de acordo com a rede. Dos professores pesquisados, a maioria, 42 (39,6%) trabalha somente em escolas da rede estadual e o uso de medicamentos antidepressivos foi relatado por 37 (34,9%) dos entrevistados, sendo 34 (91,9%) do sexo feminino.

Tabela 2 – Redes de ensino em que os professores trabalham e uso de medicamentos antidepressivos.

| Redes de Ensino | Frequência (%) | Frequência do uso de medicamento antidepressivo (%) |
|----------------------|----------------|---|
| Somente Municipal | 15 (14,2) | 5 (13,51) |
| Somente Estadual | 42 (39,6) | 9 (24,32) |
| Estadual e Privada | 10 (9,5) | 4 (10,81) |
| Estadual e Municipal | 19 (17,9) | 13 (35,15) |
| Somente Privada | 17 (16) | 4 (10,81) |
| Não responderam | 3 (2,8) | 2 (5,4) |
| TOTAL | 106 (100) | 37 (100) |

O teste qui-quadrado mostrou existir uma associação significativa entre professores que trabalham na rede estadual e uso de medicamentos antidepressivos, $p < 0,05$.

Em relação ao ensino, a maioria dos participantes trabalha somente com ensino fundamental (45,2 %), seguido do ensino fundamental e médio (28,3%), somente médio (20,8%) e os demais não responderam.

A média de tempo de trabalho como professor foi de 17,8 anos, sendo que 31 (29,4%) professores trabalham entre 21 a 30 anos.

A realização de atividades em diferentes escolas é uma realidade encontrada entre estes profissionais. Neste estudo, percebe-se que a maioria dos professores trabalha em apenas uma escola 57 (53,7%), duas escolas

45(42,5%) e os demais trabalham em três escolas 4 (3,8%). Sendo que mais da metade dos professores pesquisados relataram trabalhar em dois turnos 61 (57,5%), em apenas um turno, 23 (21,7%) e em três turnos 22 (20,8%). O teste de qui-quadrado mostrou não haver uma relação significativa entre quantidade de turnos em que trabalha e o uso de medicamentos antidepressivos $p > 0,05$.

Tabela III - Tempo de atuação como professor.

| Tempo | Frequência (%) |
|-----------------|----------------|
| Menos de 1 ano | 2 (1,8) |
| 1 – 10 anos | 24 (22,6) |
| 11 – 15 anos | 18 (17) |
| 16 – 20 anos | 15 (14,2) |
| 21 – 30 anos | 31 (29,4) |
| 32 – 36 anos | 4 (3,7) |
| Mais de 36 anos | 1 (0,9) |
| Não responderam | 11 (10,4) |
| TOTAL | 106 (100) |

Na tabela a seguir, é possível visualizar o tempo de uso dos medicamentos antidepressivos relatados pelos participantes, sendo que a maioria 15 (40%) utiliza o medicamento entre 2 e 5 anos.

Tabela IV - Tempo de uso do antidepressivo

| Tempo de uso | Frequência (%) |
|------------------|----------------|
| Até 1 ano | 8 (21,62) |
| 2 – 5 anos | 15 (40,55) |
| 6 – 10 anos | 12 (32,43) |
| Acima de 10 anos | 2 (5,4) |
| TOTAL | 37 (100) |

Na tabela V encontram-se os antidepressivos mais utilizados pelos professores. A classe dos Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina (ISRSs) é a mais prevalente, sendo utilizado por 28 (75,68%) dos professores.

Tabela V - Antidepressivos mais utilizados.

| Antidepressivo | Frequência (%) | Classe dos antidepressivos |
|----------------------------|----------------|----------------------------|
| Citalopram | 3 (8,1) | ISRS |
| Sertralina | 10 (27,05) | ISRS |
| Fluoxetina | 12 (32,43) | ISRS |
| Paroxetina | 1 (2,7) | ISRS |
| Duloxetina | 1 (2,7) | IRSN |
| Fluoxetina e Nortriptilina | 1 (2,7) | ISRS e ADTs |
| Amitriptilina | 1 (2,7) | ADTs |
| Sertralina e Bupropiona | 1 (2,7) | ISRS e ATÍPICOS |
| Usa mas não lembra o nome | 7 (18,92) | |
| TOTAL | 37 (100) | |

*ISRS: Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina

*ADTs: Antidepressivos Tricíclicos

*IRSN: Inibidores da Recaptação de Serotonina e Noradrenalina

Os professores foram questionados quanto ao possível afastamento de seu trabalho por motivos de saúde o qual foi relatado por 21 (19,8%) dos professores, sendo que 17 (15,9%) por menos de um ano e 4 (3,6 %) de um a cinco anos, os demais não responderam. A depressão foi motivo de afastamento em 8 (38,09%) participantes.

Discussão

A maior frequência do sexo feminino é semelhante a outros estudos realizados em escolas brasileiras, os quais também demonstraram acima de 80% (VEDOVATO; MONTEIRO, 2008; DELCOR *et al.*, 2004). Este fato é descrito por Vedovato; Monteiro (2008), devido o papel da mulher na sociedade de educar e cuidar dos filhos, o que é considerado pelos autores como uma extensão do trabalho doméstico. A participação feminina no mercado de trabalho continua tendo um importante papel social na complementação do orçamento familiar.

A prevalência de depressão é descrita na literatura como sendo duas vezes maior no sexo feminino e as razões podem incluir: variados estresses, parto, modelos comportamentais e efeitos hormonais (TENG; HUMES; DEMETRIO, 2005), além disso, as mulheres são mais sensíveis aos problemas sociais, econômicos, familiares (MAGGIONI *et al.*, 2008). Isso reflete, também, no surgimento de doenças depressivas e uso de medicamentos antidepressivos, pois o sexo feminino é apontado em vários estudos como sendo o que mais consome medicamentos antidepressivos. Neste estudo, a prevalência foi de 91,9%. Um levantamento do consumo de medicamentos antidepressivos realizado por Maggioni e colaboradores (2008), em um município do oeste do estado de Santa Catarina demonstrou que 71,11% dos consumidores eram mulheres.

A média de idade dos professores foi de 42 anos, mostrando-se semelhante ao estudo de Vedovato; Monteiro (2008), que foi realizado em nove escolas estaduais de São Paulo, no qual a média de idade foi de 41,4 anos. No entanto, foi acima da média de idade relatado no estudo de Delcor *et al.*, (2004), que foi de 34,5 anos, o qual foi realizado com professores da rede privada.

O uso de medicamentos antidepressivos foi identificado em 34,9% dos professores entrevistados, muito acima da prevalência encontrada em um estudo realizado com a população geral de uma cidade do Rio Grande do Sul que foi de 9,3% (GARCIAS *et al.*, 2008). Este resultado, embora alto, apresenta-se inferior ao encontrado em um estudo realizado com 258 professores de escolas estaduais de São Paulo, o qual apontou uma prevalência de 74,1% de uso de antidepressivos. Os autores descrevem que a maioria dos professores considera o trabalho na escola estressante, o qual pode estar relacionado ao aparecimento de transtornos mentais (VEDOVATO; MONTEIRO, 2008). Esta prevalência de uso de

medicamentos antidepressivos, acima do que foi encontrado neste estudo pode estar relacionada ao fato deste ter sido realizado em escolas privadas, municipais e estaduais e o estudo de Vedovato; Monteiro (2008) foi apenas em escolas estaduais. Os resultados da pesquisa apontaram existir uma significativa relação em usar medicamento antidepressivo e trabalhar na rede estadual. Estudo de Strieder (2009), realizado com professores da rede estadual e municipal da região Oeste do Estado de Santa Catarina descreve que a frequência de professores com algum indicativo de depressão na rede municipal é, aproximadamente, 25%, enquanto na rede estadual, o índice sobe para 37%. São vários os fatores que contribuem para essa realidade, sendo necessário identificá-los adequadamente para solucioná-los. Fatores como possibilitar salários dignos, diminuir a carga horária e melhorar as condições de trabalho dos professores seria uma alternativa eficaz para combater o quadro de adoecimento dos profissionais da educação.

Segundo Melo; Marques (2007), as condições inadequadas de trabalho, a baixa remuneração, a desvalorização profissional a precária qualidade de vida e outras variáveis que influenciam o cotidiano dos professores, juntos são fatores desencadeadores das chamadas doenças da profissão. As patologias que se manifestam através do esgotamento emocional, não aparecem de forma repentina, mas se desenvolvem no dia a dia.

O afastamento do trabalho foi identificado em 19,8% dos professores das redes de ensino de Erechim, sendo que destes 38,09% foi devido motivos relacionados à depressão. De acordo com Lipp (2003) e Naujorks; Barasuol (2004), é cada vez maior o número de docentes que se afastam das salas de aula para fazer tratamentos de saúde. A depressão é um dos motivos em que esses docentes se enquadram. Segundo Strieder (2009), o afastamento dos professores implica custos

pela convocação de substitutos, mas não há dúvida que o maior prejuízo está na esfera pessoal e naqueles que envolvem crianças, adolescentes e jovens.

Na maioria dos casos, o professor, em estado depressivo, continua no exercício de suas atividades pedagógicas. É difícil afirmar que o afastamento do trabalho seja a melhor alternativa. Sendo recomendável que as pessoas consideradas doentes procurem, primeiramente, uma reconciliação consigo mesmas, valorizando a própria vida, aumentando os níveis de autoestima e novos desafios (STRIEDER, 2009).

O complemento da renda familiar pode ser realizado pelos professores por meio do trabalho em mais de uma escola. Dos professores entrevistados, 42,5% realizam atividade em escolas diferentes. Em outros estudos, também, é possível identificar esta realidade, no entanto em frequência maior da encontrada em Erechim. Na rede de ensino particular de uma cidade da Bahia, este fato foi observado em 59,3% dos professores e na rede estadual de São Paulo 53,9% dos professores relatam trabalhar simultaneamente em outra escola.

Em estudo de Melo; Marques (2007), os professores da pesquisa trabalhavam de 50 a 60 horas semanais na escola e apontaram como causas de seus estados doentios os seguintes aspectos: muito trabalho na escola, com excesso de atividades burocráticas, estudos, reuniões fora do horário de trabalho (à noite e aos sábados), as dificuldades financeiras e a desvalorização profissional. O trabalho de forma exaustiva origina sintomas de depressão, fadiga, insatisfação, frustração, medo, angústia, cansaço físico e mental.

Em nosso estudo, mais da metade dos professores pesquisados relataram trabalhar na escola em dois turnos 61 (57,5%) e 22 (20,8%) em três turnos. Salienta-se que o fato de trabalhar em três turnos a carga ho-

rária diária aproxima-se de 12 horas, o que corresponde a 60 horas semanais, além disso, ainda devem ser somadas as horas para a preparação de aulas, os deslocamentos de uma escola para outra e as atividades domésticas. Embora esse possa ser um fator que colabore para o surgimento de exaustão e esgotamento emocional, não foi observada uma relação significativa entre trabalhar em mais de um turno e usar medicamentos antidepressivos $p > 0,05$.

O tempo médio de trabalho como professor neste estudo foi de 17,8 anos, sendo maior do que o encontrado por outros autores, Reis *et al.*, (2005) (10,4 anos), Delcor *et al.* (2004) (11,4 anos) e Vedovato; Monteiro (2008) (14,2 anos).

Em relação ao uso de antidepressivos pelos professores, a classe terapêutica mais utilizada foi a dos Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRSs) 75,68%, sendo que a fluoxetina teve maior destaque dentro dessa classe. O uso de antidepressivos pode ser decorrente do diagnóstico de insônia, depressão, estresse, de um modo geral, os antidepressivos são amplamente utilizados para tratar diferentes distúrbios mentais (GREVET; CORDIOLI; FLECK, 2005).

A ação antidepressiva dos ISRSs deve-se à inibição da captação neuronal de serotonina pelo sistema nervoso central. Seus efeitos adversos mais comuns provêm do próprio bloqueio desta recaptação: náuseas, anorexia, insônia, perda da libido, falência do orgasmo (RANG; DALE; RITTER, 2001).

Em relação às demais classes, os efeitos colaterais dos ISRSs são menos intensos e frequentes, pela sua baixa afinidade aos receptores colinérgicos, noradrenérgicos e histamínicos. Eles inibem de modo potente e seletivo a recaptação de serotonina no terminal neuronal pré-sináptico. Por estes motivos, os ISRSs não possuem efeitos anticolinérgicos, o que acarreta maior aceitação pelo

paciente; não possui cardiotoxicidade nas doses terapêuticas, portanto é o medicamento de escolha para pacientes cardiopatas; não aumentam peso corporal, apresentam maior segurança e tolerabilidade e não possui interação com alimentos (COUTINHO; NETO FILHO, 2010).

Considerações Finais

O estudo identificou um consumo de antidepressivos de 34,9% pelos professores. Constata-se que há uma prevalência de uso de fármacos antidepressivos no sexo feminino, sendo que as razões podem incluir desde efeitos hormonais a situações cotidianas. A classe de antidepressivos predominante foi a dos Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRSs) o que pode estar relacionado ao fato de serem medicamentos

que apresentam menos efeitos adversos em relação às demais classes.

Os dados mostram que o consumo dos antidepressivos pelos professores é consideravelmente alto e que esta prevalência pode estar relacionada a vários fatores, estresse, emocionais e estado de tensão, ansiedade, depressão, carga de trabalho excessiva.

Embora haja vários artigos que se referem aos medicamentos antidepressivos, ainda são escassas as publicações que mencionam o uso desses medicamentos por professores, o que dificulta uma análise mais precisa do perfil de consumo de antidepressivos pelos profissionais da educação. Para que se tenha um melhor conhecimento desse tema, é necessário mais estudos com esses profissionais sobre a prevalência do uso de antidepressivos e também os motivos que levam os mesmos desta área a utilizar estes medicamentos.

AUTORES

Elisandra Segat - Acadêmica da instituição Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI – Campus de Erechim.

Helissara Silveira Diefenthaeler - Farmacêutica, Docente do Curso de Farmácia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI – Campus de Erechim, Mestre em Ciências Farmacêuticas pela UFRGS. E-mail: helissara@uri.com.br

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília, DF, n. 114, 2001. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho1.pdf>. Acesso em: 2 junho 2012.

CODO, W. **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.

COUTINHO, P.K.; NETO FILHO, M. A. Depressão: Conceito e tratamento. **Uningá Review**, Maringá, PR, v. 4, n. 3, p. 50-55, out./dez. 2010.

CURI, F. Síndrome do Esgotamento Profissional. **Revista Educação**, 119 ed., jul. 2008. Disponível em: <<http://www.ilanet.com.br/cgilocal/porta1/bin/view/Persona/SindromeDoEsgotamentoProfissional>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

- DELCOR, N.S et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p. 96-187, 2004.
- FERREIRA, C. M. **Adoecimento Psíquico de professores**: Um estudo de casos em escolas estaduais de educação básica numa cidade mineira. 2011.87f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração, FIPL, Pedro Leopoldo-MG, 2011.
- FLECK, M.P.A et al. Diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento da depressão. **Rev Bras Psiquiatr**, Porto Alegre, RS, v. 25, n. 2, p.22-114, 2003.
- GARCIAS,C.M.M et al., Prevalência e fatores associados ao uso de antidepressivos em adultos de área urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, em 2006, **Cad. de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24 n.7, p.1565-1571, 2008.
- GREVET, E.H.; CORDIOLI, A.V.; FLECK, M.P.A. **Depressão Maior e distímia**: Diretrizes e algoritmo para o tratamento farmacológico. Artmed, Porto Alegre, RS, p.317, 2005.
- JBEILI, C. Burnout em professores: identificação, tratamento e prevenção. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/3017297/Cartilha-Burnout-Chafic-Jbeili>>. Acesso em 30 abr. 2012.
- KATZUNG, B. G. **Farmacologia Básica e Clínica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- LIPP, M. E. N. **O stress do professor**. 2ª ed., São Paulo: Papyrus, 2003.
- MAGGIONI, D.C et al. Levantamento do consumo de antidepressivos em um município do Oeste de Santa Catarina. **Cesumar**, Maringá, PR, v. 10, n.1, p. 55-62. Jan./Jun. 2008.
- MELO, M.F.M.; MARQUES, P.C.M. Causas das patologias relacionadas ao trabalho docente: Declarações dos professores das escolas estaduais de Alta Floresta. Disponível em: <[MThhttp://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt10/ComunicacaoOral/MARILAINE%20DE%20CASTRO%20PEREIRA%20MARQUES.pdf](http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt10/ComunicacaoOral/MARILAINE%20DE%20CASTRO%20PEREIRA%20MARQUES.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2012.
- MORENO, R. A.; MORENO, D. H.; SOARES, M. B. Psicofarmacologia de antidepressivos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 24-40, maio 1999.
- NAUJORKS, M. I.; BARASUOL, E. B. Burnout docente no trabalho com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. **Revista do Centro Educação**, 2004.
- RANG, H. P; DALE, M. M; RITTER, J. M. **Farmacologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2001.
- REIS, B.F.J.E et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n. 5, p. 1480-1490, Set/Out.2005.
- SOUZA, A. M. F.; NETO FILHO, M. A. Uso de medicamentos ansiolíticos por docentes da rede estadual de educação na cidade de Cacoal – RO. **Uningá Review**, Maringá, PR, v. 4, n. 3, p. 50-55, out. 2010.
- STRIEDER, R. Depressão e ansiedade em profissionais da educação das regiões da Amerios e da AMEOSC. Joaçaba, SC, v. 34, n. 2, p. 243-268, jul./dez., 2009.
- TENG, C. T.; HUMES, E. C.; DEMETRIO, F. N. Depressão e comorbidades clínicas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 149-159, jun. 2005.
- VEDOVATO, G.T.; MONTEIRO, I.M. Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 7-290, 2008.